

Conheça a *íntegra* do documento entregue ao Ministério São Paulo, 03 de agosto de 2010.

<http://www.tripoli.com.br/content.aspx?idContent=2062>

Prezado Senhor Secretário,

O Deputado Federal Ricardo Tripoli (PSDB/SP), a centenária UIPA, União Internacional Protetora dos Animais, e o Projeto Focinhos Gelados permitem-se vir à presença de Vossa Excelência expor e requerer o que segue.

Conforme concluiu recente revisão sistemática da literatura existente sobre o controle da leishmaniose visceral na América Latina, o número crescente de casos verificados, que acarreta 2.700 (duas mil e setecentas) mortes anuais, e sua expansão por regiões anteriormente não afetadas põem em dúvida a eficácia das medidas de controle empregadas contra a doença.

Dezenas de milhares de cães, incluindo saudáveis, já foram exterminados, sem que impacto positivo algum tenha se verificado na incidência da doença humana. Basta dizer que 41.774 (quarenta e um mil e setecentos e setenta e quatro) cães foram mortos apenas no Centro de Controle de Zoonoses do Município de Araçatuba, entre os anos de 1999 a 2004, o que dá uma idéia do gigantesco número de animais mortos em quatro décadas, por todo o país.

Inicialmente caracterizada como rural, e restrita à região nordeste, a doença já se expande também por áreas urbanas de regiões Centro-Oeste, Sudeste e Norte do país. Segundo a citada revisão, na década de 1980, registravam-se cerca de 1500 casos ao ano, número que elevou-se para uma média de 3362 ao ano, entre os anos de 2000 e 2006.

Conforme o documento citado, permanecem mal esclarecidos os fatores de risco para o desenvolvimento da doença e a própria relação entre a infecção em cães e os casos humanos. E a revisão critica a política pública atualmente adotada? O abate canino parece ser a intervenção menos aceitável ao nível da comunidade, por razões óbvias e tem baixa eficiência devido à alta taxa de reposição de cães eliminados com cachorros sensíveis e outros obstáculos culturais... esta estratégia de controle é cada vez mais debatida. Apesar da aplicação intensiva desta estratégia no Brasil nos últimos anos, a incidência de LV humana manteve-se elevada?

Além de ineficaz, a eliminação da vida de cães tem se prestado a elevar a incidência da doença, à medida que causa sua dispersão, torna a população canina mais jovem, implicando na maior suscetibilidade a diferentes doenças:

- a) temendo pela vida de seus cães, muitos guardiões os conduzem a outros Municípios, causando a disseminação da doença;
- b) os munícipes que perdem seus cães, em virtude do extermínio, adotam novos animais, que são colocados no mesmo espaço em que vivia aquele infectado, o que ocorre, no mais das vezes, sem a adoção das medidas cabíveis contra o mosquito transmissor e de outras providências profiláticas;
- c) na grande maioria dos casos, o animal adotado é um filhote, mais suscetível à doença, devido à fragilidade de seu sistema imunológico. Assim, a reposição de animais é fator facilitador também de outras doenças, como por exemplo, a raiva;
- d) Cerca de 20% dos munícipes realizam com dois animais a reposição do cão perdido, contribuindo para que o impacto da reposição canina seja ainda maior;
- e) A rapidez com que ocorre a reposição de animais é também outro fator que contribui para a ineficácia do método de extermínio como controle da disseminação da doença.

As técnicas sorológicas empregadas também carecem de precisão, fator apontado pela citada revisão como falho na política adotada.

Considerando a complexidade de fatores relacionados à Leishmaniose Visceral Americana, incluindo suas causas ambientais e sócio-econômicas, as medidas profiláticas assumem relevância inquestionável como a única alternativa para o controle da doença.

Dentre tais medidas, destaca-se o uso da coleira Scalibor. Impregnada com deltametrina a 4% , a coleira mostrou resultados satisfatórios em experimentos laboratoriais, com efeito letal para as diferentes espécies de flebotomíneos (inseto transmissor da leishmaniose, também chamado de mosquito palha).

Tais resultados foram confirmados em vários países, e inclusive por estudo citado em artigo publicado no BEPA, Boletim Epidemiológico Paulista, ano 1, nº 12, de dezembro de 2004, realizado no Brasil, por Lima e Col (2002), que concluiu ser a utilização da coleira mais eficaz para prevenir a transmissão da doença do que a eliminação dos cães soropositivos.

Sua eficácia é garantida por quatro meses, muito embora os efeitos da coleira perdurem por até seis meses, interrompendo o ciclo da transmissão e da infecção. A coleira não só repele, mas mata o mosquito palha, transmissor da Leishmaniose. Utilizada em grande escala, o encoleiramento produz o denominado, efeito rebanho que é a extensão de efeito protetor também aos não encoleirados, reduzindo-se a força de infecção pela barreira imposta pela coleira.

Tendo em vista que o poder de infectar os insetos pode persistir no animal tratado, não há como proceder ao tratamento sem que o cão esteja encoleirado, evitando assim a aproximação dos insetos (sem ser picado, o cão não transmite a infecção). Vale dizer que o encoleiramento permitiria o tratamento dos cães infectados, sem risco para a população.

Iniciando-se pelas áreas de risco e áreas consideradas endêmicas, o encoleiramento em grande escala deveria ser incluso no programa de controle da Leishmaniose do Ministério da Saúde. A partir da verificação de perda de força de infecção, por meio do encoleiramento em grande escala, talvez fosse possível reduzir, ou até suspender o uso da pulverização de inseticida, prejudicial ao ambiente.

Os gastos com o encoleiramento em massa são menores do que os despendidos com a eliminação de animais e a pulverização, que não têm se mostrado eficaz para o controle da doença, sem falar no impacto social gerado pela matança de cães.

E o Boletim Eletrônico Epidemiológico da FUNASA, no artigo Leishmaniose Visceral no Brasil: situação atual, principais aspectos epidemiológicos, clínicos e medidas de controle, ano 2, nº 6, 13/12/2002, fez menção à necessidade de se valer do uso da coleira como medida de controle.

A utilização do colar impregnado com piretróide visando a redução da transmissão da leishmaniose visceral canina demonstrou-se mais efetiva do que a eliminação dos cães soropositivos no estudo apresentado pelo José Wellington Lima, sendo considerada, portanto, uma possível medida de controle a ser melhor avaliada.

Segundo consta de dossiê produzido pelo Laboratório Intervet Schering-Plough Animal Health, em estudo realizado em Andradina, verificou-se uma redução da prevalência canina de 10,8% em 2002 para 4,8% em 2004, seguida de uma redução em casos humanos (de 19 casos em 2002 para 2 casos em 2004), bem como os coeficientes de incidência de 34,1 casos

em 100.000 habitantes em 2002 para 3,6 casos em 100.000 habitantes em 2004). Em Aquiraz (CE), conforme consta do material citado, resultados apontam para a conclusão de que a utilização da coleira é mais eficaz do que a eliminação de animais infectados. Os resultados preliminares deste estudo indicam claramente que, em condições de campo, no Brasil, as coleiras impregnadas com deltametrina são mais eficazes na prevenção da transmissão da *Leishmania chagasi* entre cães do que os elementos soropositivos descartados)... Após um ano de observação, a incidência da soropositividade na área onde os cães soropositivos foram eliminados foi de aproximadamente duas vezes mais alta que nas áreas onde os cães utilizam coleiras.

Entre os estudos de campo, um dos pioneiros foi o que se realizou no sudeste da Itália. Comparando-se duas áreas: uma controle e outra tratada - verificou-se a proteção de 86% dos cães da área tratada.

Outro estudo conduzido no Irã, em dezoito vilas, destas nove tratadas e nove controles, constatou-se a redução de 64% da incidência da doença em cães e decréscimo de 43% da incidência em crianças, depois de um ano da utilização das coleiras.

Na Espanha, avaliou-se o tempo de eficácia da coleira, observando-se que seu efeito anti-repasto (repelente) chegou a ser maior do que 90% da semana 2 a semana 20.

Na França?concluiu-se que, pelo menos na sub-região Mediterrânea, esta coleira inseticida protegeria um cão da maioria das picadas do mosquito palha e manteria um efeito mortal por uma estação completa do mosquito palha. Além disso, parece provável que o uso de coleira em todos os cães em um foco de *Leishmania infantum* reduziria o contato entre os vetores do mosquito palha e os agentes hospedeiros canino, o suficiente para diminuir o risco de infecção tanto para humanos quanto para cães.

Pela política que adota, o Ministério da Saúde instituiu a eliminação de animais como a única alternativa possível ao controle da doença, o que contraria a revisão sistemática solicitada pela OMS, que tem o controle dos vetores como mais eficaz do que o abate de cães (sabe-se que a rapidez com que a população canina é reposta exige proporção e freqüência impraticáveis de eliminação de cães soropositivos).

A eliminação de animais ainda se presta a desviar o verdadeiro foco da questão que é o combate ao vetor, o flebotomíneo responsável pela transmissão da doença. Segundo especialistas, a prioridade deveria ser dada ao

controle de vetores, em vez da atual ênfase conferida ao controle de reservatórios caninos.

Tendo em vista seu efeito letal e repelente contra o inseto, demonstrado por inúmeros trabalhos científicos, nacionais e internacionais, requer-se a Vossa Excelência que seja o encoleiramento em massa incluído no programa de controle da Leishmaniose Visceral Americana do Ministério da Saúde.

Ricardo Tripoli  
Deputado Federal (PSDB/SP)